

Leitos de UTI fechados

Juliana Cézar Nunes
Da equipe do **Correio**

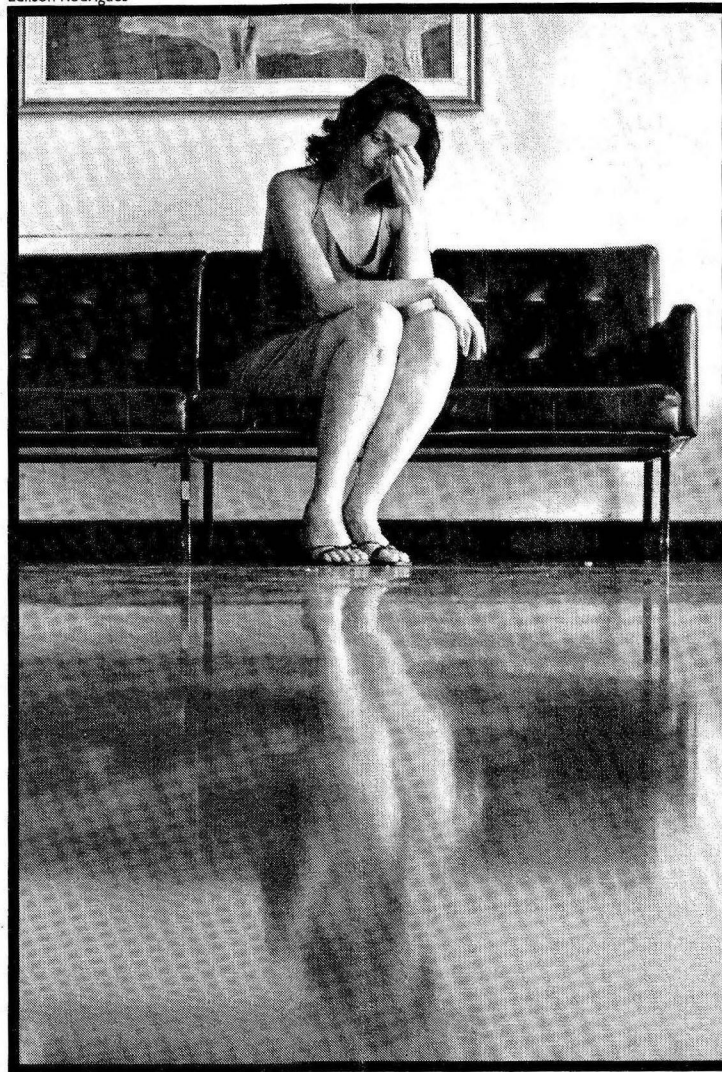
O medo de retaliações não foi suficiente para que os médicos do Hospital Regional de Taguatinga fugissem de uma decisão drástica, porém necessária. No último final de semana, eles se negaram a receber pacientes em quatro dos cinco leitos da UTI adulta. Aconselharam os familiares a transferir os doentes para outros hospitais da rede. A dona-de-casa Cleonice Soares, 36 anos, acatou a recomendação e providenciou a transferência do filho, de 16 anos, para o Hospital Regional da Ceilândia. “Depois de quatro dias de internação, (ontem) os médicos disseram que ele está melhor”, conta Cleonice.

O filho da moradora de Taguatinga Norte está agora na unidade de pneumologia do Hospital de Base do DF. A família espera que seja a última parada de uma peregrinação dolorosa que começou no dia 10 de outubro, quando o adolescente machu-

cou o cotovelo em uma aula de judô. A cirurgia para recuperar a fratura foi marcada para o dia 15, mas não pôde ser realizada por falta de compressa, gases usadas para comprimir sangramento ou manter o local machucado umidificado com soro.

Ao saber do problema, Cleonice procurou a direção do hospital. A cirurgia foi realizada no dia seguinte. Mas, logo após o término da operação, o rapaz teve um tromboembolismo pulmonar, espécie de coágulo que se desloca através da corrente sanguínea para o pulmão, provoca insuficiência respiratória e pode levar à morte. Casos como esse, geralmente, exigem internação imediata na UTI. Mas, por falta de vaga no HRT, o filho de Cleonice passou três dias na unidade de ortopedia. Só foi transferido para o HRC na última segunda-feira, depois que sofreu uma crise convulsiva. Os pais dele vão entrar com um pedido de investigação no Ministério Público do DF. Querem evitar que a história do filho se repita em outras famílias.

Edilson Rodrigues



CLEONICE NÃO INTERNOU SEU FILHO NO HRT POR FALTA DE LEITO NA UTI

O médico Roberto Gonçalves conta que o principal motivo para o bloqueamento dos leitos foi a falta de um aparelho chamado gasômetro, que monitora a qualidade do sangue dos pacientes. Outro médico do HRT entrevistado pelo **Correio** confirmou a explicação dada por Gonçalves e complementou: “Temos que usar

sacos coletores de urina nas mãos porque falta até luva”. O especialista em UTI pediu que sua identidade fosse mantida em sigilo. Há 8 anos no HRT, ele conta que nunca vivenciou uma crise tão grave como a atual. “Sempre fomos obrigados a dar prioridade para os pacientes jovens porque as vagas não são suficientes. Mas

FALTA DE TUDO

DENÚNCIAS RELATADAS POR FUNCIONÁRIOS DO HRT NO ÚLTIMO DOMINGO, DIA 20 DE OUTUBRO

“Informo que a máquina de diálise, após estar limpa, apresentava uma barata no compartimento de banho”

“Os funcionários estão manipulando os pacientes com saco coletor de urina por falta de luvas na UTI”

“Fomos informados pela equipe de enfermagem da falta de material essencial para as atividades/cuidados rotineiros da UTI, qual seja: luvas (estéreis e para procedimento), lençóis, compressas para curativo, coletor de urina, equipamentos, eletrodos e medicamentos”

“Foi feito contato com outros setores do HRT na tentativa de obter-se o material em falta na UTI (Farmácia, Centro Cirúrgico, Pronto Socorro e enfermarias) — sem sucesso, pois nos informaram que tal material encontra-se EM FALTA EM TODO O HOSPITAL”

“Informo que não há fita para dosagem de glicemia no HRT”

“Foi feito contato com a farmácia e nos foi informado que não há DDAVP disponível (medicação padronizada na FHDF)”

nem isso podemos mais fazer.”

O secretário de Saúde, Aluísio Toscano, foi informado sobre os problemas no HRT e garante que todas as providências necessárias já foram tomadas. Na segunda-feira, a secretaria refez o contrato com a empresa de manutenção do gasômetro — suspenso há três meses. Segundo Toscano, a falta

de material hospitalar e remédio também já foi suprida. No entanto, na noite de ontem, dois leitos da UTI do HRT continuavam bloqueados. Os médicos decidiram receber apenas os pacientes que não exigem o uso de muitas luvas, como aqueles que saíram de cirurgias cardíacas e estão apenas em observação.